

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA



Cumprimentos do novo Arcebispo de Mitilene,
Ex.^{mo} Snr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira,
ao Em.^{mo} Snr. Cardial Patriarca.

(Fot. A. Salgado).

Braga, 14 de Julho de 1928

NUMERO 331 — ANO VII

Composta e impressa na Tipografia da «PAX» — Braga

DIRECTOR E EDITOR,

Joaquim Antonio Pereira Villela

PROPRIEDADE DA EMPREZA

DA «*Illustração Catholica*», L.^{da}

Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

(Pagamento adiantado)

PORTUGAL, MADEIRA E AÇORES:

Ano.	60\$00
Semestre	30\$00
Trimestre	15\$00

A cobrança feita pelo correio tem o augmento da respectiva despeza

ESTRANGEIRO E POSSESSÕES ULTRAMARINAS:

Ano.	80\$00
Semestre	40\$00
Trimestre	20\$00
Numero avulso	1\$50

*Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á
Administração da ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA — BRAGA*

Telefone, 212

Automoveis e
Camionetes

Rugby

**Os carros preferidos pela sua elegancia e
modicidade de preços**



STAND RUGBY

Avenida da Liberdade, 32



BRAGA

CASA EDITORA CATHOLICA

Livraria, Papelaria, Artigos Religiosos

Armenio Sotto Mayor

Rua Candido, Reis, 104 — (Antiga R. dos Chão) **BRAGA**

Livros de missa com encadernações simples ou de luxo, livros literarios e escolares, variado sortido de papelaria, objectos para escritório, bilhetes postais ilustrados, etc.
Completo sortido de imagens de massa comprimida e de BISCUIT, pias para agua benta, lampadas, placas, terços, cruxifixos, medalhas e estampas de variados preços.
Encarrega-se do fornecimento de todos os objectos para as Igrejas, como paramentos, vasos para sacrário, lampadas, serpentinas, castiçais, velas automaticas, vélas de cêra, etc.



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA



Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º

Propriedade da Empresa «Illustração Catholica», Limitada

Braga, 14 de Julho de 1928

Composta e impressa na Tip. da «PAX»
BRAGA

Anno VII — N.º 331



O Senhor Bispo de Vizeu, quando da sua sagração na Sé de Evora,
dando a benção aos fieis

Economias prejudiciais que atingiriam Braga

DE ha mezes para cá Braga tem tido suspenção sobre a sua cabeça uma espada ameaçadora como a de Damocles. E esse perigo não só feria interesses muito legitimos da cidade e da região, mas tambem prejudicava, e em muito o bem maior do paiz.

A necessidade, que todos reconhecem, de fazer economias nas despesas do Estado é que causara a ameaça, a qual se continha num decreto de um antigo ministro, sob a forma de uma remodelação do ensino. A Escola Normal, a mais frequentada, e sob varios aspectos das mais distintas do paiz, era sacrificada á necessidade imprescindivel de economias.

Se não directamente a *Ilustração Catholica*, as pessoas que ela reúne, os valores que se juntam em torno desta, defenderam, quanto lhes foi possivel, a criação da Escola Normal, nesta cidade.

Por esse motivo mais uma razão tinhamos para lamentar a ameaça da extinção. Economia, era o motivo invocado para a extinção, mas iria, certamente, redundar em prejuizo colectivo.

Portugal, infelizmente, tem uma percentagem grande de analfabetos. Ainda que não é tamanha como vulgarmente se diz a percentagem, pois costumam nela incluir menores de dez anos e anormais, que em tais calculos se devem excluir, essa circumstancia deve bastar para a defesa da Escola Normal. Se é tanto necessario desenvolver o ensino popular!

A instrução, por si só, não basta para fazer a felicidade do povo, indubitavelmente. Ela requer tambem a educação e a morali-

dade e até uma boa distribuição das riquezas. Mas a instrução é uma base tão essencial que sem ela não poderão obter-se os outros meios necessarios ao fim da sociedade.

Maior desenvolvimento, portanto, da instrução popular é a primeira necessidade, ou uma das primeiras necessidades portuguezas. Fechar uma Escola Normal, impedindo assim a formação de mais professores, seria uma economia funesta e prejudicial.

Não cabe aqui o referir prejuizos de ordem material que impenderiam sobre Braga: por muito lógico que fosse o considerá-lo, excede o âmbito desta crónica, e a índole generalizadora da revista.

Hoje, porem, parece desanuviar-se o horizonte e desfazer-se a ameaça. Em virtude da oportuna orientação do sr. ministro das Finanças, varias comissões estudaram que medidas de economia se deviam adoptar. A que trabalhou no ministerio da Instrução, sem descurar a necessidade dessas medidas, assentou a boa doutrina de ser preciso desenvolver o ensino normal promovendo, não a extinção de Escolas existentes, mas a criação de outras mais, para se combater eficazmente o analfabetismo. As economias prejudiciais, tudo leva a crer, serão assim postas de parte, para se efectivarem em vez delas, economias boas e fecundas. E' o nosso melhor desejo, que muito nos custaria ver Braga ser prejudicada a pretexto de economia, — que bem pensado, talvez nem chegasse a representar economia para o Estado, sendo certo para esta cidade um prejuizo, e para a educação nacional um maleficio.



A ALDEIA, onde eu vivo, debruçada para o mar e às abas duma cidade populosa vai perdendo dia a dia o encanto da tradição e a enternecida poesia das coisas simples.

Com comunicações facéis para a cidade, com electricidade, com teatrelho, para ousadas investidas de furiosos, esta pobre e pitoresca terreola não tem já nenhum dos encantos das povoações montesinhas alcandoradas nos cêrros, das frescas e poeticas freguezias minhotas alvejando no meio de vales ferteis ou de colinas arroteadas, com cortinas de pinhais fazendo o fundo do quadro de suave bucolismo.

E' uma aldeia suburbana, incaracteristica, com praga de ruelas, muita tabernoria onde se bate a sóta e beberrica *americano* e, por isso mesmo, com uma população viciada em modas e prazeres citadinos, onde os *Maneis* já conhecem a elegancia sportiva do *pullower* para o seu *foot-bal* aldeão e as ingenuas *Marias* calçam meias de seda, usam saia pelo joelho e abafos com guarnições de tapete, imitando peles. Esta gentinha, que ao domingo se arrebrica em semelhantes elegancias, anda descalça o resto da semana, saia grossa enfaixada na cinta, lenço amarrado na cabeça num lindo geito berbere desgarrado e unica lembrança do velho traje tradicional, e moureja na fabrica ou nos campos descuidada, feliz, entregue a si propria, sem constrangimento, à larga, na sua indumentaria de sempre, bem diferente da ridicula mascarada dominical.

E em pleno trabalho, em plena vida, naturalzinha, simples, esta gente é alegre, expansiva, cantadeira, bem diferente do ar postico com que aos domingos, os pés apertados em escarpins de luzido verniz, os corpos requetrados nas *blouses* e arremedos

de *tailleur*, passa por essa estrada arrelhada e constrangida.

Ainda há dias, uma fresca mocetona, que diariamente moureja na quinta, appareceu toda pinpona de saia pelo joelho e sapatos de salto Luis XV para fazer uma commissão. Desempenhado o encargo, a rapariga encostou-se a um muro, a cára decomposta, o olhar trémulo, e não podendo resistir a um desagradável mal estar, de que ninguem podia supor a causa, curvou-se afogueada e descalçou-se!

Dois enormes pés alastraram satisfeitos, a carne comprimida alargando, feliz, num arranco de independencia, de liberdade, ao mesmo tempo que um *ah* de satisfação e desafoço marcava o momento feliz.

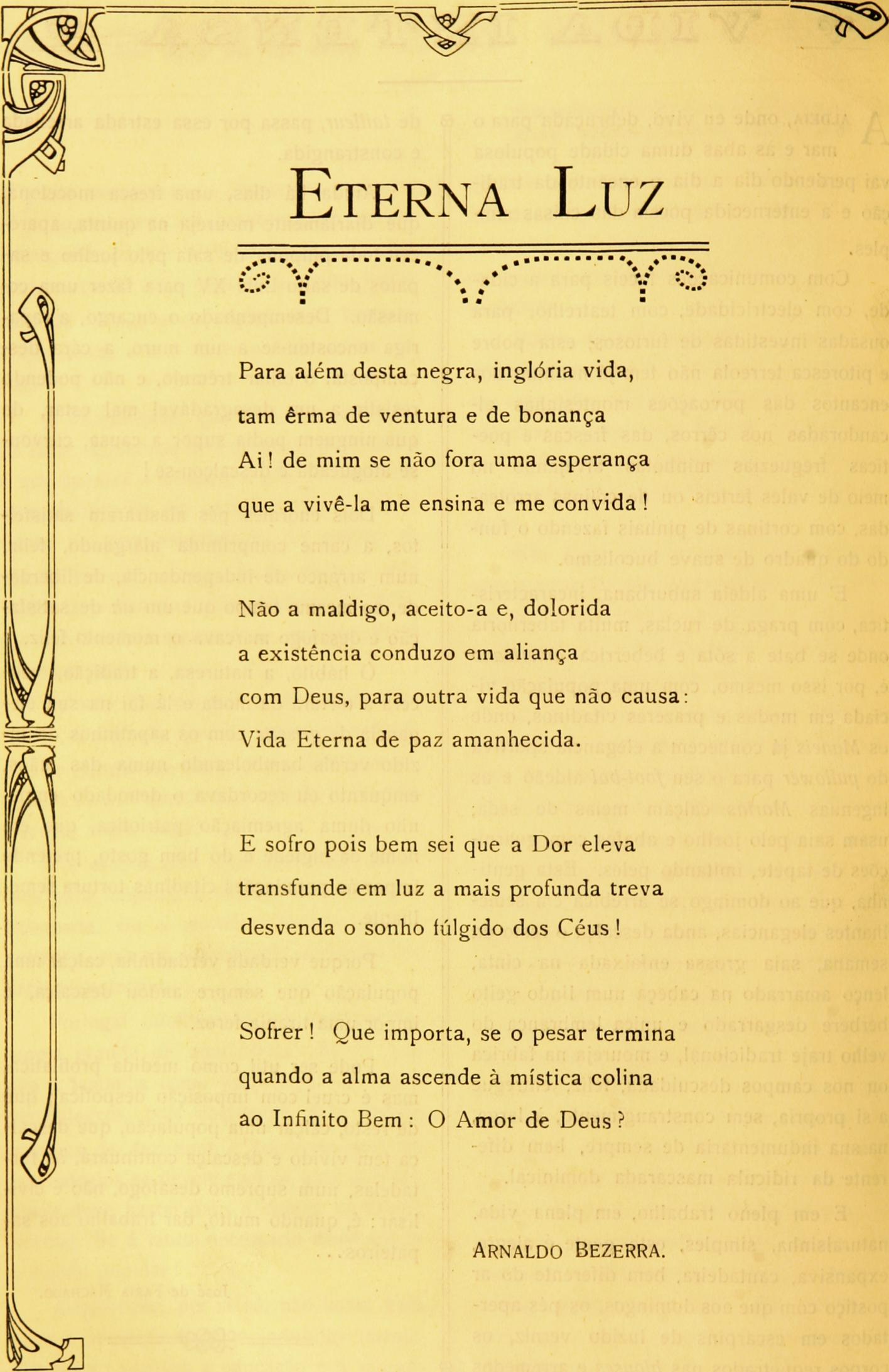
O habito, a natureza, a tradição, vencera a tortura da moda e lá foi na sua elegancia de *grisette* com os sapatinhos de luzido verniz bamboleando numa das mãos, emquanto eu recordava o denodado empenho duma agremiação patriotica, que em nome da hygiene e do bom gosto, pretende impor às populações citadinas tortura semelhante.

Porque verdade verdadinha, calçar uma população que sempre andou descalça, é impor uma tirania feroz.

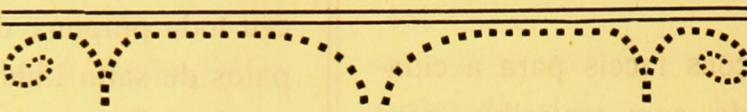
Pode ser util como medida profilatica, mas é cruel com imposição despotica; que de resto, calçar uma população, que descalça tem vivido e descalça continuará, às furtadelas, num supremo desafoço, não é civilisar: é, quando muito, dar trabalho aos sapateiros...

José de FARIA MACHADO.





ETERNA LUZ



Para além desta negra, inglória vida,
tam êrma de ventura e de bonança
Ai! de mim se não fora uma esperança
que a vivê-la me ensina e me convida!

Não a maldigo, aceito-a e, dolorida
a existência conduz em aliança
com Deus, para outra vida que não causa:
Vida Eterna de paz amanhecida.

E sofro pois bem sei que a Dor eleva
transfunde em luz a mais profunda treva
desvenda o sonho fúlgido dos Céus!

Sofrer! Que importa, se o pesar termina
quando a alma ascende à mística colina
ao Infinito Bem: O Amor de Deus?

ARNALDO BEZERRA.



Diz um poeta que Venus, depois de haver ferido os dedos nos espinhos das rosas, procurou descobrir um meio de colher sem temor as flôres dos bosques.

E a luva foi assim inventada.

As mulheres da antiguidade tiveram luvas. E' tudo quanto se sabe. A Historia é, n'esse particular, muito discreta.

Semiramis, Cleopatra, Aspasia, Dido, Balkis, Lais, Fryné, Lelia Paulina, Faustina, Popéa preservaram as mãos dos asperos beijos da brisa e das ardentes caricias do sol por meio de luvas ricamente bordadas, segundo as leis suntuosas e magnificas dos povos a que pertenciam.

Os gaulezes usavam tambem luvas. Se não se faziam de pele de cão, como depois se empregou, eram de pele de veado, talvez tambem de pele de coelho.

Eram longas, cobriam o pulso, onde docilmente vinha pousar o falcão que, com um gesto gracioso, as caçadoras chamavam dos espaços.

As mulheres do século XV,

quando o luxo muito se desenvolvia, mais exigentes se mostravam nos seus adornos.

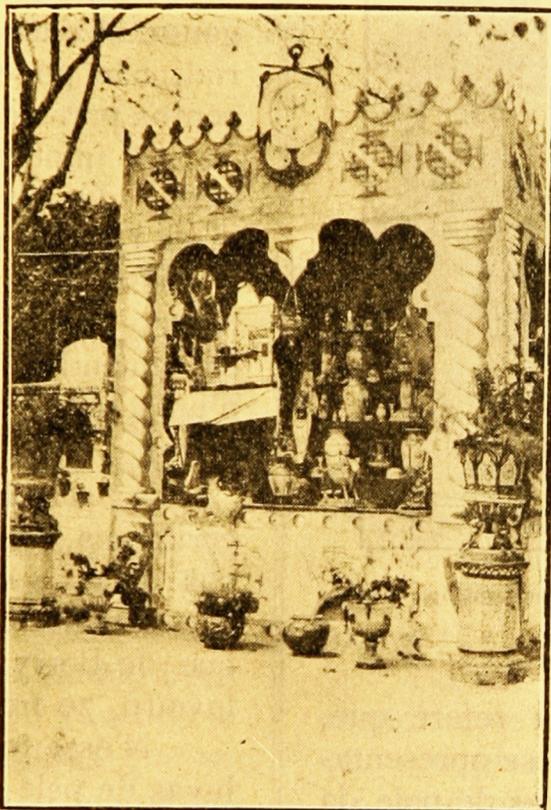
As luvas foram feitas em um fragmento de sendal, bordado de fios de ouro ou de prata. Não era ainda precisamente a luva, porém uma especie de

mitaine fechada, que deixava livre apenas o dedo polegar. Os outros dedos ficavam ocultos no estôfo. Nos seus poemas, Petrarca alude ás luvas de Laura de Noves.

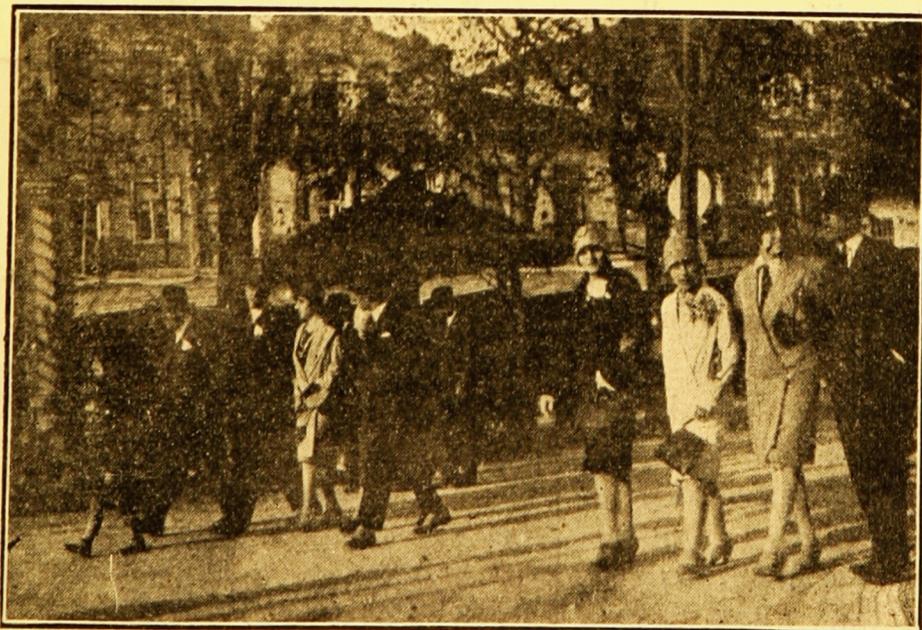
Catarina de Medici usava luvas bordadas de ouro, ricamente guarnecidas. A' noite calçava luvas perfumadas; e ela conhecia tambem as luvas envenenadas, como as que ofereceu a Jeane d'Albret, a desventurosa rainha de Navarra, mãe de Henrique IV.

Declaram alguns historiadores que essas luvas provieram da Italia; outros contam que foram preparadas pelo perfumista de Catarina, o celebre René.

De Luiz XIII a Luiz XVI sabemos que as *précieuses* se utilizavam de longas *mitaines*. Em 1660, a In-



AVEIRO — Exposição das Beiras — Um pavilhão da Empresa de Louças e Azulejos, Limitada
(Fot. D. Francisco Tavarade)

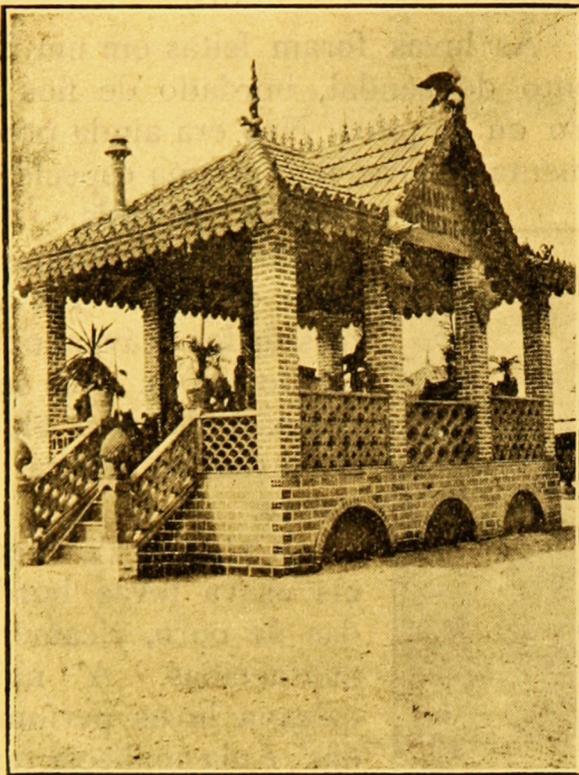


AVEIRO — Um trecho do recinto da Exposição das Beiras

(Fot. Soares Leite)

glaterra enviou á França luvas de renda, e as mulheres adotaram essa moda, que permitia ver a mão, os braços e as joias que n'elles fulguravam.

Houve ainda as luvas á Cadenet, á Frangipana, á Nisol.



AVEIRO — Exposição das Beiras — Um pavilhão da Cerâmica Aveirensê

(Fot. D. Francisco Távarede)

Talemant des Réaux refere que, depois de cada colação, se apresentavam caixas cheias de luvas de pele da Hespanha; mas o seu perfume era violento e as mulheres renunciaram a esse uso.

Elas tinham, aliás, a escolha entre a luva de veludo forrada de pele de coelho, para o inverno, e as *mitaines* sedosas, feitas á mão, muitas vezes bordadas de prata fina, e sempre sem dedos.

As mulheres dos doges e as patricias de Veneza adotavam luvas de seda bordada a ouro.

Houve em França as luvas chamadas de couro de galinha (*cuir de poule*), feitas da epiderme de cabritos muito novos, e tão finas que um par d'elas se podia encerrar dentro de uma noz.

Na epoca de Luiz XIV, a luva, sendo usada na cõrte, a sua

industria muito se aperfeiçoou. Estavam em voga as *mitaines* de seda clara.

No reinado de Luiz XV as mulheres elegantes mudavam de luva cinco a seis vezes por dia.

No tempo do Directorio, as *merveilleuses* não as usavam.

Mas, quando veio o Consulado, as luvas de pele começaram a ser empregadas, e durante o Imperio esse complemento da *toilette* se vulgarizou.

«Uma mulher verdadeiramente elegante, diz uma cronica da epoca imperial, não póde adquirir menos de seiscentos pares de luvas por ano.»

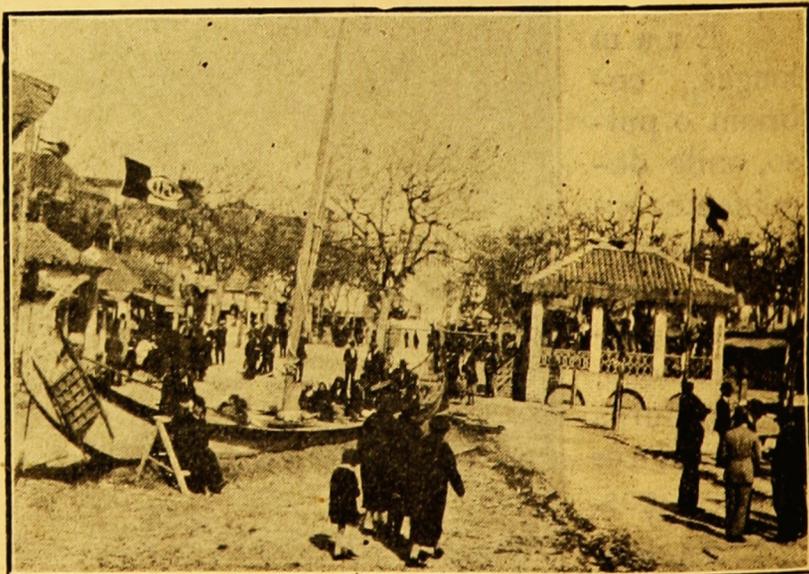
A imperatriz Josefina usava mil pares de luvas anualmente. Cumpre dizer que só se servia d'elas uma vez. Por isso, foi creado um posto: o de um fidalgo *grantier* (luveiro), que, de vez em quando, apresentava á soberana, n'uma salva de prata, um par de luvas novas.

As suas luvas bordadas, de grande cerimonia, valiam, em média, 50 francos; as mais simples, 10 francos.

No periodo da Restauração, o duque de Berry pagou a Leroy, o famoso, luveiro, 70 francos o par de luvas.

N'esse tempo, estavam em voga as luvas de pele da Suecia.

E foi moda trazer n'elas uma pintura. Eram, então, extremamente apertadas. Cumpria comprimir a mão, que devia parecer disforme.



AVEIRO — Vista de uma parte da Exposição das Beiras

Fot. D. Francisco Távarede)

O segundo Imperio deu notavel impulso á industria lueira. A fabrica de Grenoble, justamente afamada, ofereceu, em 1860, por occasião de uma viagem do imperador e da imperatriz áquella cidade, vinte e cinco duzias de pares de luvas, bordadas de ouro ou de

prata e finamente trabalhadas, á bela soberana.

Depois d'essa epoca as luvas têm conhecido todas as fórmãs, todos os tecidos, todas as peles; nunca mais se usou, porém, o ornato de ouro ou de prata. A luva democratisou-se.

BRIC-À-BRAC

VII

*Nunca otra fue nacida
Que fuese muger y estrella
Sino ella.*

GIL VICENTE.

Carta a um Anjo

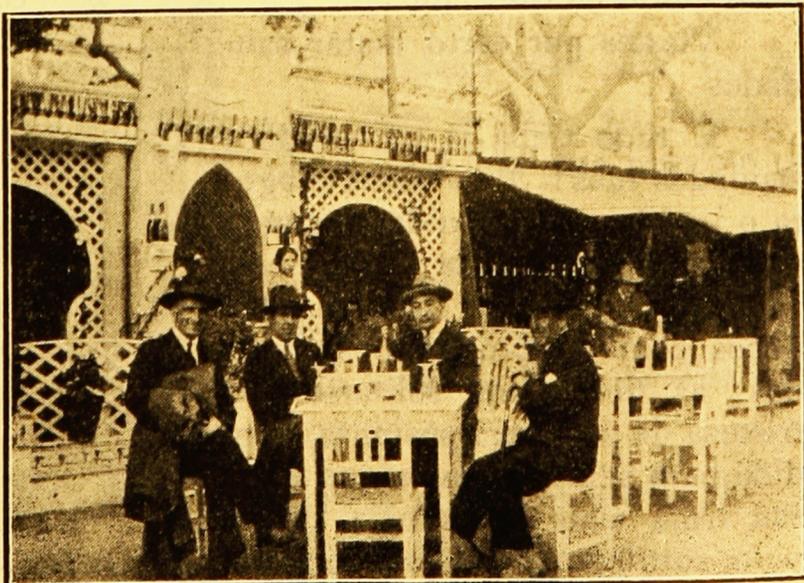
QUERIDO Amor: assim como o feitiçeiro Renan ouvia muitas vezes o sonoro bimbalar dos sinos de Isis da linda e suave lenda bretã, tambem nós ouvimos a miude — oh milagre dos milagres! — o éco da tua vozinha de balada no gorgear dos rouxinois que gemem no seio das noites profundas e melancolicas, tambem nos alembamos do oiro velho do teu cabelo revendo a maré viva das loirejantes searas que se vislumbram da nossa casa o fulgor luminoso dos teus olhos mirando o céu todo coberto das brazas lucilantes das estrelas, o vermelho vivo da tua boquinha atentando nas rubidas cerejas dos pomares e nos cravos sangrentos que por toda a parte, neste Julho alacre dos peitoris das janelas ou dos canteiros dos jardins se põem a rir travessamente.

E' que tu, Amorsinho, não vives só no nosso amargurado coração, como nas corolas de seda das rosas o seu perfume subtil; não vives só no nosso espírito, como num templo sagrado a memoria divina de Jesus; mas em tudo, em tudo, até na propria natureza. Dir-se-hia que como um Poeta que procurasse eternizar em formas perduraveis a dôr do seu so-

nho, o sonho da sua dor, a Natureza procurou reviver na linha, na cor, no som, naquilo que ela cria, a tua doce e inegalavel imagem, oh linda e triste Maria da Soledade.

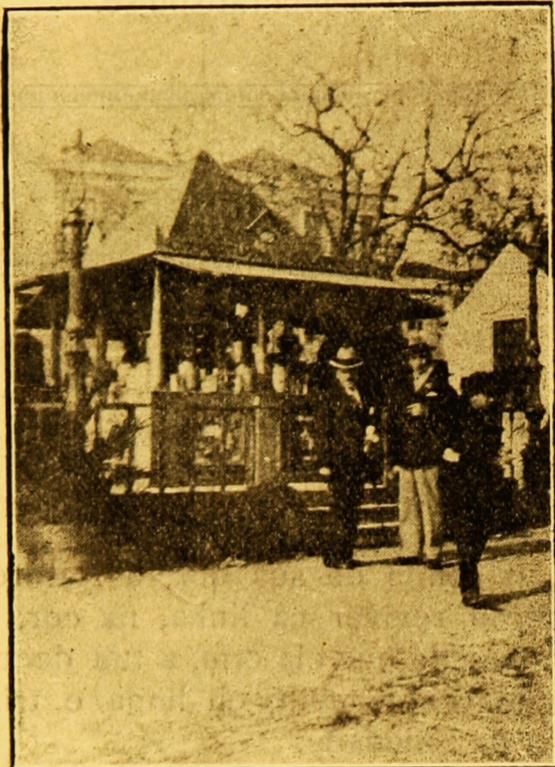
Mas hontem não foi só o nosso coração, não foi só a Natureza que nos falou de ti.

Tocára há muito às trindades, acendiam-se as primeiras estrelas no céu e a primeira luz fulgiu no nosso lar, ainda andava lá fóra por sobre as coisas como que um sorriso perdido do sol, quando tu vieste mansamente. Sentimos-te a nosso lado, curvada sobre a nossa mesa, onde já não há flores,



AVEIRO — Exposição das Beiras — Um pavilhão
(Fot. D. Francisco Tavarede)

desde que partiste, uma expressão de indizível alegria bailando nos teus olhos, por certo aquela inegualavel beatitude que paira como uma benção de Deus nas ingenuas e suaves madonas primitivas.



AVEIRO — Exposição das Beiras — Um pavilhão
(Fot. D. Francisco Tavaredo)

Não foi um sonho, não. Eras tu, Amorzinho: a tua figurinha de iluminura, o teu vulto esvoaçante e subtil de princeza de legenda em aerícolas nuvens de renda de bretanha. No ambiente andava como que um perfume disperso, aromatas, talvez, daquelas violetas que tanta amavas, oh linda e doce Maria da Soledade!

Viestes por certo matar saudades...

E tudo tinha já na verdade saudades tuas! Pois o que é agora o jardim sem o cuidado amigo das tuas mãos de fada; a casa sem a musica das tuas palavras tão doces como o cantico dos canticos; as flores dos solitarios na tristeza de se verem sosinhas, perdida para sempre aquela que era a sua irmã mais velha pela graça, pelo sortilegio, pelo perfume, por aquele *quid* divino e pessoal que nenhum pintor seria capaz, — oh

queremos crê-lo! —, de traduzir, pois que para o fazer teria de servir-se não de cores mas de almas de cores, esmaecidos tons, cambiantes fluidos, encantamentos, sonhos...

Mas se de manselinho vieste à hora em que a primeira luz fulgiu no nosso lár e ainda andava lá fóra por sobre as coisas como que um sorriso perdido de sol, de manselinho te foste tambem assim como a alegria que só dura um momento ou como a felicidade que breve se esvai... Desapareces-te no ar, na luz, na sombra da noite que descia? Sabemos lá!...

E os nossos labios ficaram a rezar baixinho aqueles versos formosissimos de um lirismo transcendente de Dante Rosseti, que dir-se-hiam escritos para ti, Amorzinho:

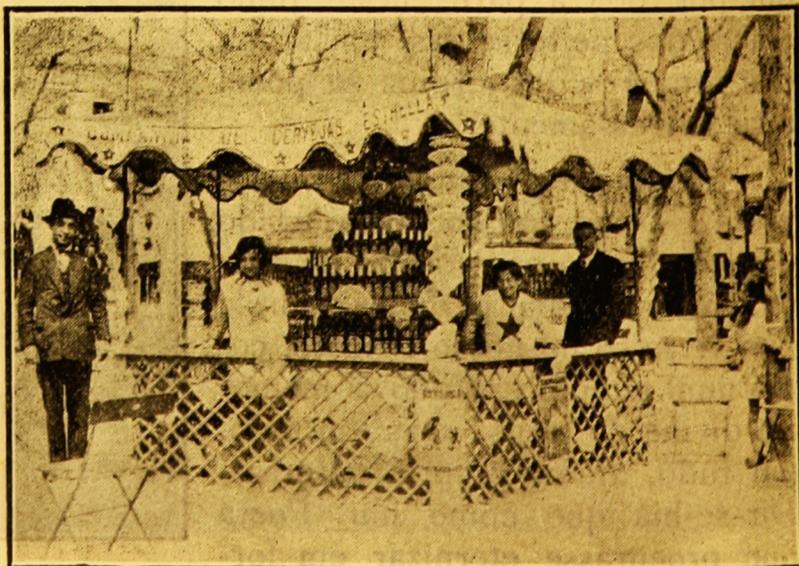
« Elle a le charme altier, apanage des reines, uni à la tonchante simplesse d'une bergère. Ses yeux bleissent comme les eaux dormantes que regarde le ciel ou prennent la couleur des violettes fleuries á lombre des bois.

Ses joues ont une pâleur spirituelle qui trouble le coeur; sa bouche au dessin passionné chante la double séduction de sa parole et de son silence.

Se chevelure la couronne d'or sombre; son col élançé semble la colonne du temple d'Eros qui soutient le coeur, à lá recherche de sou sanctuaire.

Voilà ses charmes! ils dépassent toute parole humaine. Soupire son nom bien bas, ô mon coeur, car ce nom exprime l'absolu.»

CLAUDIO E ANTONIO CORREIA D'OLIVEIRA GUIMARÃES.



AVEIRO — Exposição das Beiras — Um pavilhão (Fot. D. Francisco Tavaredo)

O LAR VIEIRENSE

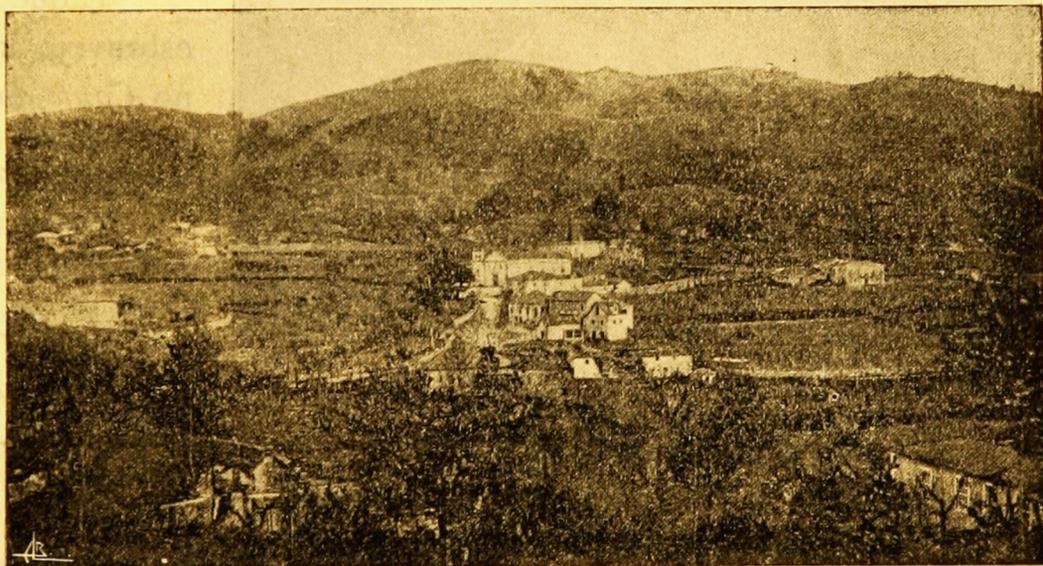
Excerpto do Livro «Vieira do Minho»

PELO lado material, o lar da nossa terra oferece aspectos dignos de um carinhoso estudo. Em geral não há fogões, não há chaminés, não há agua encanada, não ha azulejos pelas paredes, nem pavimento encerado. E' tudo de uma simplicidade e de uma modestia para admirar.

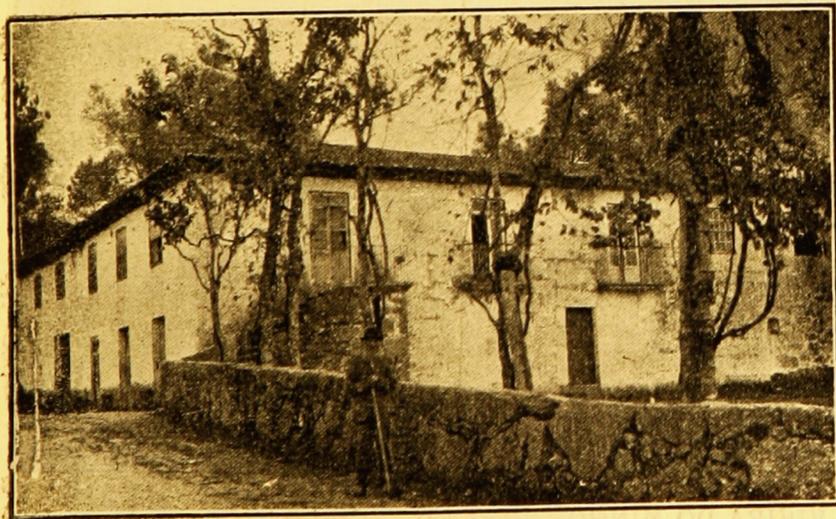
Ao centro da cosinha fica a lareira, que é onde se faz o fogo para preparar as comidas. Os utensilios e aprestos de uso permanente, que

e que serve para segurar os cavacos e lenha que deve arder.

Em algumas casas já não usam a caldeira por cima da fogueira, aquecendo a água só em potes.



VIEIRA DO MINHO — Vista geral da sede do concelho



VIEIRA DO MINHO — Mosteiro — Casa em que nasceu o P.º Casimiro José Vieira.

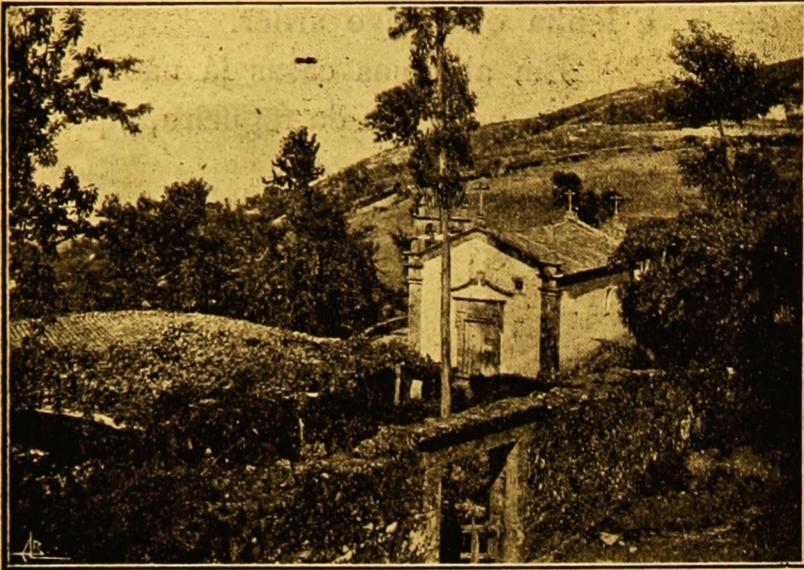
nunca se tiram da lareira, são: Uma caldeira grande de cobre, pendente do tecto por uma longa cremalheira de ferro, e que serve para aquecer agua para os cevados; uma trempe de ferro que se põe da parte de traz da lareira

Eugenio de Castro. Essa candeia não tinha azeite:

*Passamos noites bem negras,
Orfãos de todo o deleite,
Ele com fome e sem sono,
Eu céguinha e sem azeite.*

O pobre adoeceu. Mão caridosa
levou-lhe pão que ele não comeu, e le-
vou azeite para a candeia :

*No entanto a mão generosa,
A doce mão de marfim,
D'azeite fino e doirado
A' farta me enchera a mim.*



VIEIRA DO MINHO — Salamonde — A Igreja paroquial

E foi então, só então,
que a candeia serviu, para
alumiar a agonia do patrão :

*Tardaste bem, caridade,
Ao pobre de negra sorte,
Negando-lhe toda a vida
O que lhe deste na morte.*

E o sempre grande
Antonio Correia de Oli-
veira diz por seu turno :

*Deus fez estrelas para a
noite imensa,
O sol, mais belo, para or-
nar o dia ;
Depois deu-nos o amor ;
pois bem sabia
Haver a nuvem, gelida e
suspensa . . .*

*Os homens, não contentes, (por avença
Com Deus que em orações se pagaria)
Quizeram a candia : a companhia
De quem trabalha, quem vigia e pensa.*

Em volta da fogueira, é que à noi-
te se concentra a vida da família :

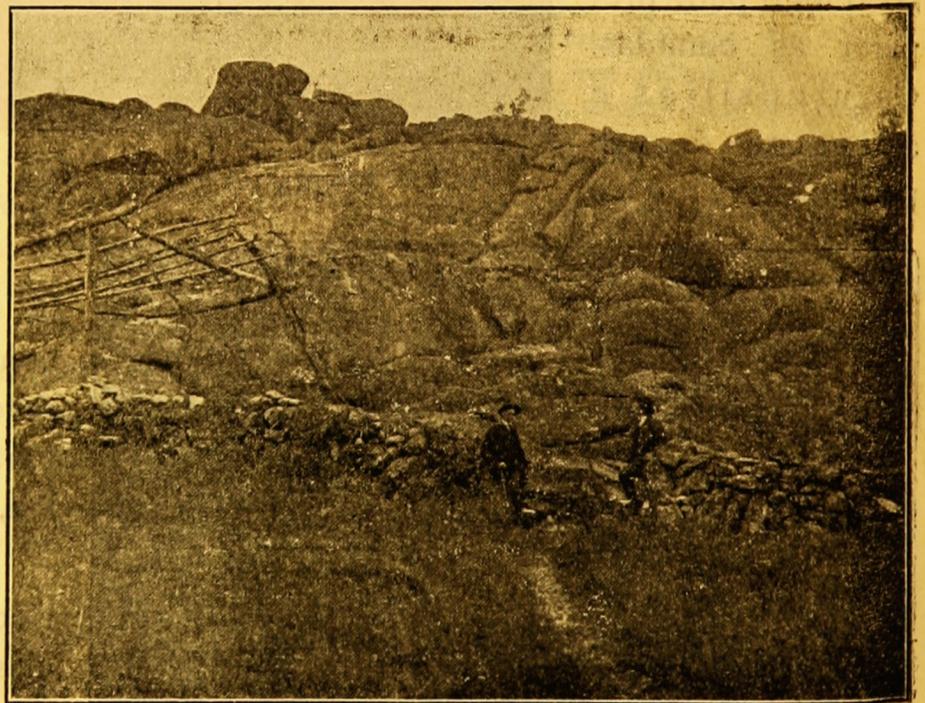
*No lar, o fogo é como um pensamento
De Deus, chamando os homens a
seu lado ;
Ei-los, em volta, o rosto iluminado .
Sombras eternas, resteas dum momento!*

E diz, com grande verdade, que o
lar é foco de luz e de amor :

*Lareira santa ! Derramas
Sol e amor. Bem dita lenha,
Deus te acrescente e mantenha
Funda raiz, verdes ramas.*

E que importa que o vento
esbraveje lá fóra ? Diz o poeta
no *Canto do Lume* :

*A neve cai, mortalha fria. Ao
longe,
O mar é um órgão, onde o in-
verno, um monge,
Entôa o requiem de estivais de-
sejos . . .*



VIEIRA DO MINHO — Pinheiro — Conjunto de penedos
em Parada-velha.

*Deixa-lo ! Arde a fogueira. O vi-
nho canta,
Mais doce, aos gorgolejos, na gar-
ganta . . .
— As dentadas no pão, sôam a beijos !*

A. V.

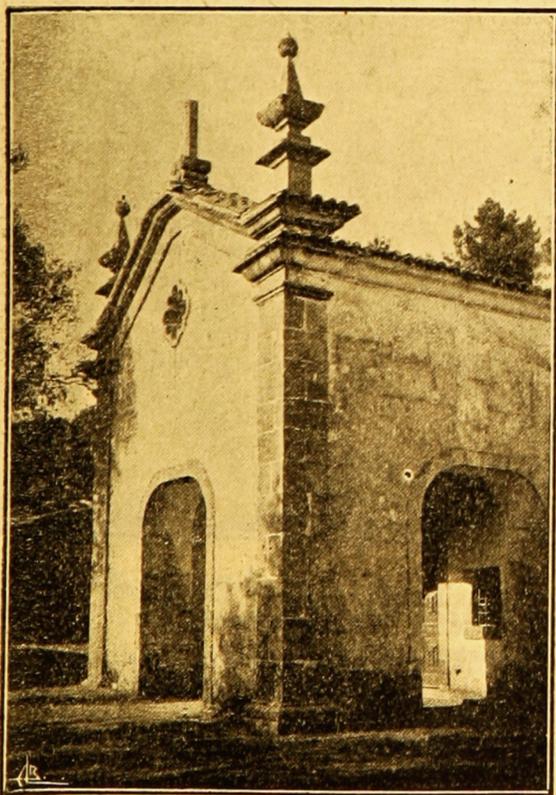
TESTAMENTOS CURIOSOS

A redacção de um testamento não representa para algumas pessoas um acto grave e, exprimindo as suas ultimas vontades, elas acham ensejo para formular frases espirituosas, para burlar, de qualquer modo, os herdeiros ou ainda para dizer, desafogando velhos rancores, duras verdades que em vida não ousariam exprimir.

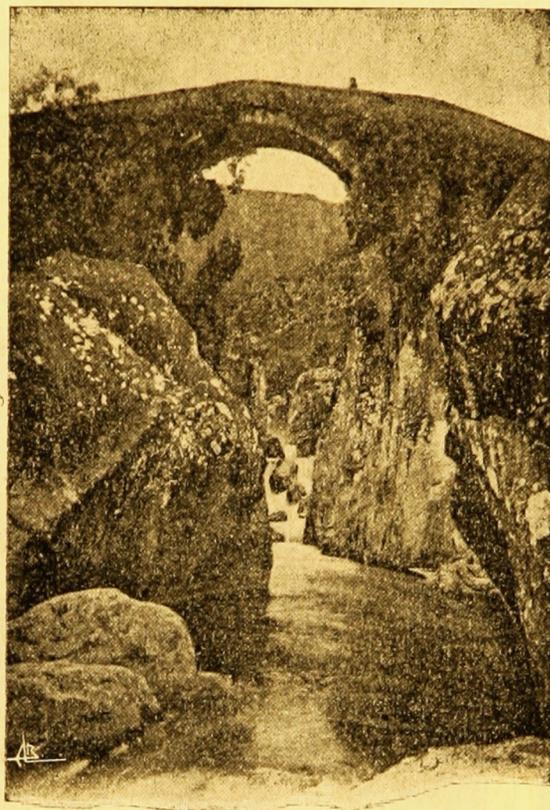
Ha casos em que o testador, sob uma forma aparentemente extravagante, tem em mira um fim justo e razoavel: o de pôr á prova a sinceridade da afeição de um parente, premiando, assim, quem desinteressadamente lhe consagrou amizade.

Residia, ha poucos anos, em Paris, uma senhora sem filhos, a qual declarava que um sobrinho, de quem recebia frequentes visitas, seria o seu executor testamentario.

Quando faleceu, achou-se uma carta endereçada a esse parente, na qual ela ordenava que o testamento, confiado ao tabelião, só seria aberto depois do seu enterro. Ela fornecia, aliás, instrucções, relativamente aos seus funerais. E essas eram



VIEIRA DO MINHO — Capela de Nossa Senhora dos Remedios — (Orago S. Francisco.)



VIEIRA DO MINHO — Ruivães — Ponte da Misarela.

sobremaneira curiosas. O executor testamentario devia velar durante duas noites junto ao seu corpo, encerrado numa caixa de vidro, que um caixão de mogno, ricamente ornamentado, cobriria.

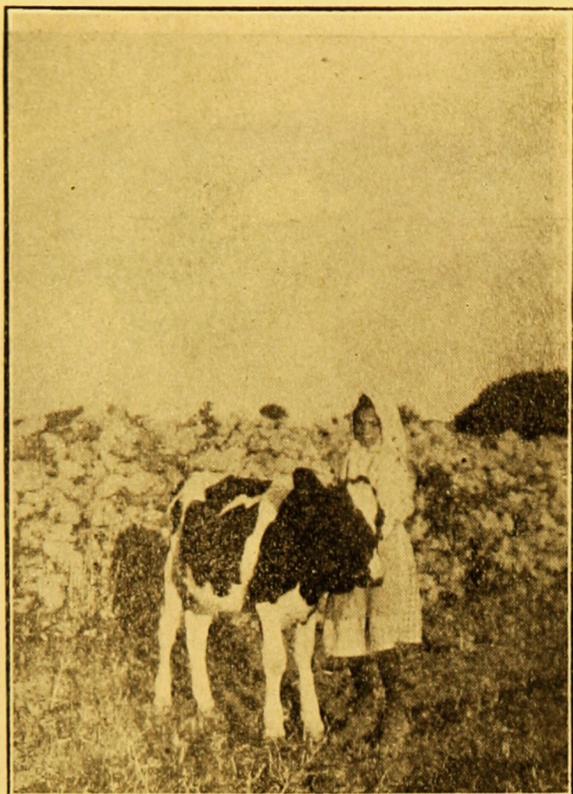
O corpo seria transportado para Arles, cidade onde ela nascêra, e aí sepultado num rico mausoleu de marmore, que expressivamente para ela se devia construir.

Ao sobrinho, ávaro e suspeito, muito contrariaram as exigencias da tia. Não podendo abrir o testamento antes que findassem todas as ceremonias funebres, ele temia que, depois de haver despendido alguns mil francos, os bens legados pela sua parenta (e de que se ignorava o total) não bastassem para o indemnizar.

Assim, desobedecendo ás indicações da morta, determinou que fosse utilizado um caixão de madeira comum, sendo escolhida num cemiterio de Paris uma sepultura vulgar.

Quando se abriu o testamento, viu-se que ela deixava cerca de um milhão de

francos. E no documento se liam as seguintes palavras: «Lego todos os meus bens ao meu caro sobrinho Léon Boutet, sob a condição de ter ele executado pontualmente a minha vontade quanto ao meu enterro como



Um canto d'aldeia.
(Fot. de Alfredo Sacavem)

lhe indiquei em carta. Se ele, porém, desrespeitou as minhas ordens, toda a minha fortuna será distribuída aos institutos de beneficência abaixo designados...» Seguiu-se a lista. E, finalmente, ela ajuntava estas linhas: «Certa, como estou, de que Léon Boutet, meu sobrinho, desdenhou das minhas recomendações, deixo-lhe cem francos, para que ele tenha uma recordação da tia... que lhe desejava oferecer uma soma consideravelmente maior».

* * *

Por vezes, num testamento é lançado um agudo dardo aos sobreviventes.

Um escossez, que faleceu em 1877 e tinha um filho medico, deixou a esse os dois peiores relógios de bolso que possuía, pois estava certo de que o filho se apressaria em dissecal-os.

Um nobre francez, que viveu no começo do século XIX, escreveu um testamento em que revogava legados de considerável valor feitos em favor de dois amigos, porquanto tinham afirmado tantas vezes ser ele um avarento que «não desejava obrigar tão bons companheiros a mudarem de opinião».

A' mesma categoria pertence o celebre testamento de Filipe, conde de Pembroke e de Montgomery, que viveu no agitado período da revolução inglesa. No aludido documento se liam, entre outras, estas clausulas:

«Não quero que me seja erguido um monumento, pois detesto os epitafios e, especialmente, os louvores versificados. A lord Saye nada deixo. Faço este legado com muito prazer, pois estou persuadido de que o distribuirá aos pobres. Deixo a Tomaz May a soma de cinco shillings; todos quantos leram a sua *Historia do Parlamento*, admitirão que essa quantia é ainda exagerada como recompensa do seu mérito».

Seguia-se um legado sarcástico em favor de Cromwell, a quem o testador dava «uma das minhas promessas, das quais ele



BRAGA — Tourada por ocasião do S. João — Cavaleiros Tanganho, Mascarenhas, e D. Ruy da Camara, que Tourearam em 25 de Julho.

(Fot. Amador Umberto Lima.)

tem necessidade, visto que nunca soube manter nenhuma das suas».

* * *

Alguns maridos, pouco satisfeitos com

a maneira pela qual foram tratados em vida pela esposa, teem querido empregar uma vingança postuma, com a inserção de frases pouco lisonjeiras ás suas respectivas consortes.

Um inglez legou á mulher quinhentas libras esterlinas, juntando, porém, a condição de que ella só poderia «gostar dessa

de roupas encarnadas, durante um periodo de cinco annos, «para que minha mulher demonstre publicamente o seu jubilo, dizia elle, pois jamais me occultou que a minha morte lhe causaria grande prazer».

Um marido legou 300 mil francos á mulher, mas impoz que durante doze mezes ella fosse diariamente á missa descalça e

AINDA O Congresso Litúrgico Romano Bracarense



A benção do SS. Sacramento aos fieis na Avenida Central, por ocasião da procissão Eucarística

(Fot-Chic. de Alberto Marques.)

soma depois da morte, pois só assim terá funerais dignos da minha viuva».

Um negociante de Bristol deixou á mulher um shilling, para que ella comprasse amendoas, «a unica cousa de que ella gosta e que passava os dias a comer, em vez de remendar a minha roupa».

Outro marido concedia á esposa cinquenta mil francos, exigindo, porém, que essa quantia fosse utilizada na aquisição

com um vestido bastante curto, para que se lhe vissem os pés.

* * *

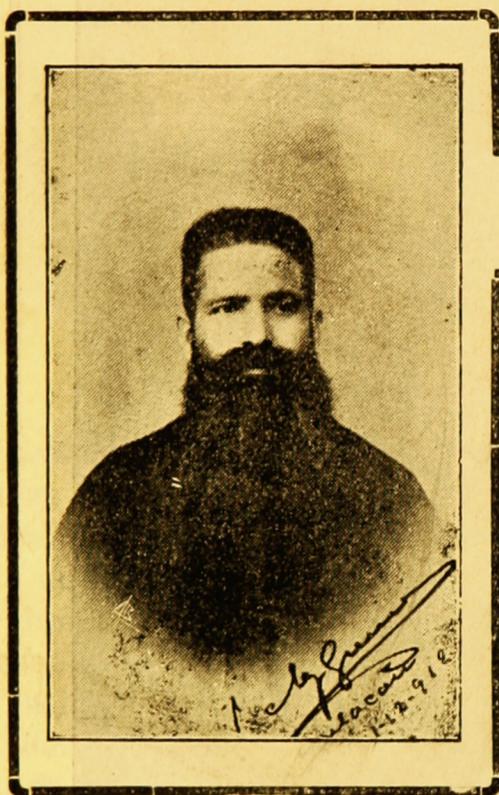
Alguns testadores submetem os herdeiros a condições absurdas. E' tipico o caso de um professor alemão que deixou a um parente avultada soma, obrigando-o, porém, a vestir-se de fazenda branca e leve durante um anno inteiro, mesmo nos mezes invernaes,

sem que lhe fosse permitido usar nenhuma lâ. Um morador de Leicester, chamado Sergeant, na falta de herdeiros diretos, deixou todos os bens aos sobrinhos, mas formulou a clausula de que se levantassem muito cedo, fizessem ginastica, etc. E indicava minuciosamente o tempo destinado ao estudo, ao recreio, como a hora em que se deviam levantar e deitar.

O conde de Châtelet, que se finou nos ultimos anos do seculo XIII, quiz que o seu corpo fosse colocado verticalmente no inte-

rior de uma coluna da igreja de Neufchâteau, pois não admitia «que a plebe o calcasse aos pés».

Um desejo oposto foi expresso no testamento de um dos mais illustres duques da Normandia, o qual pediu fosse sepultado deante do portico da egreja, para que todos lhe pisassem o corpo. E essa vontade foi respeitada, até que se decidiu dar um tumulo mais digno a quem se chamára em vida *Richard Sans Peur*.



DR. ANTONIO JOSÉ GOMES

Um missionario e um poeta

E' por isso, justamente, sentida a sua morte.

O rev. dr. Antonio José Gomes, alem de ser um orador distincto, era um poeta mavioso, e de um talento muito superior.

Duma generosidade, a toda a prova, ele sustentava algumas familias pobres, pois para os pobres, estava sempre a sua bolsa aberta.

Sentimos, profundamente a morte do illustre sacerdote que, morre aos 54 anos, quando, ainda podia continuar a sua obra de missionario e de patriota, a que dedicou, mais de 30 anos de trabalhos e de fadigas, mas uma doença prolongada, o victimou, conformado com a maior resignação cristã.

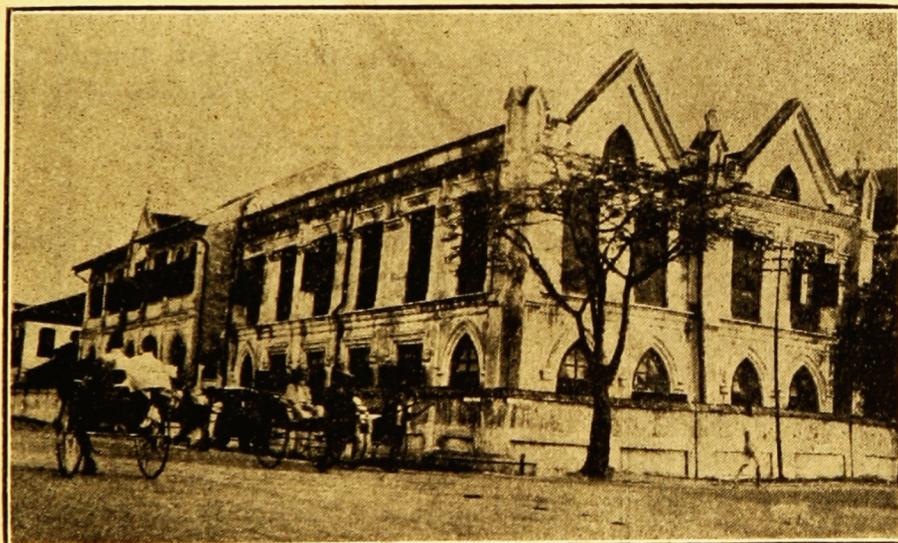
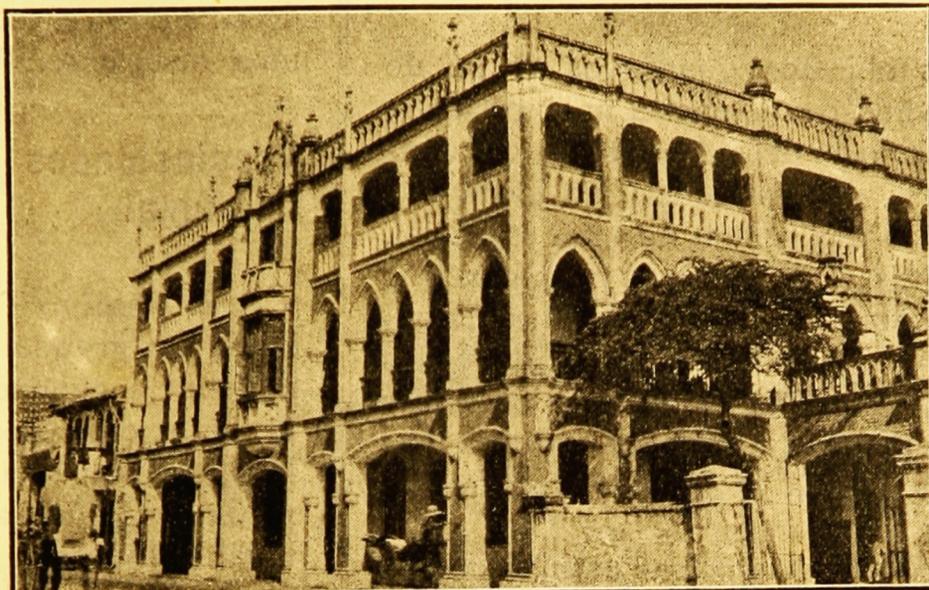
Paz á sua alma.

Depois de 30 anos de trabalho incessante em Macau, acaba de ali falecer, naquela nossa possessão, o rev. dr. Antonio José Gomes, Vigario Geral da diocese, e um dos mais distinctos sacerdotes portuguezes ao serviço das missões portuguezas.

O saudoso extincto era natural de Braga. Tinha nesta cidade muitos admiradores e amigos.

No nosso dominio d'alem mar

SINGAPURA
Residencia
dos missionarios
Portuguêzes.



SINGAPURA
Colegio
de meninas
da missão
Portuguesa.

SINGAPURA
Grupo de
meninas que
representaram
no Colegio
da Missão
Portuguesa.



A boa companhia

Os objectos guardados ao pé de frasquinhos de essencias impregnam-se do cheiro que deles se exhala, em consequencia das moléculas, ou particulas diminutas que sahem do óleo essencial, e aromatisam os objectos proximos.

Assim tambem os edolatrás movidos da devoção e extrema caridade dos cristãos, sentiam que os seus costumes se abrandavam, e se purificavam à medida que lhes ia chegando o perfume da virtude.

Não era com armas na mão que os Apostolos pregavam uma nova crença. Não diziam: «*Se não crês, morres*». Dos seus labios só dimanava a persuasão. Deus se revelava em todos os seus actos e aqueles que os escutavam sentiam uma força irresistivel, que obrigava a segui-los, e a imital-os.

Bichos de seda na Europa

Segundo antigas tradições, foi em 551 que se introduziu na Europa a criação dos bichos de seda, os quais foram conduzidos da India a Constantinopla por dois religiosos, que não só ensinaram o meio de os fazer propagar, mas tambem a fiar e preparar a seda.

Levava antigamente este commercio somas consideraveis para a India e Persia.

Justiniano foi o primeiro que no seu reinado premiou os que, trazendo-lhe este novo ramo de industria, obstaram a que a Europa fosse por este ramo tributaria á Asia de avultadas quantias.

Castelo Anfíbio

No cume do rochedo de S. Miguel, no departamento da Mancha em França, está uma fortaleza, a que chamam castelo anfíbio, porque o rochedo ora

aparece no meio das ondas, ora quando as aguas se retiram, fica no meio de uma vasta extensão de areia.

Preciosidades da Corôa de Portugal

No antigo Tesouro da Casa Real havia um grande sceptro, e uma corôa magnifica mandados lavrar por El-Rei D. Diniz com o ouro que se recolhia da lavagem das areias do Tejo, entre Almada e Cezimbra, e outro sceptro de igual procedencia lavrado no tempo de D. João III. Havia tambem ali uma ágatho, cujos veios representavam a imagem da Virgem com o menino nos braços. Esta pedra foi mandada por Francisco Barreto, Governador da India, á Rainha D. Catarina.

Santo Ambrosio e o imperador Teodosio

Por ocasião de uma revolta em Thessalonica em 390 ordenou o imperador Theodosio, que os habitantes sem distincção de idade nem de sexo, fossem passados ao fio de espada, o que se efectuou, exterminando-se em 3 horas 7:000 pessoas. Escreve então o Arcebispo Santo Ambrosio ao imperador dizendo que as portas da Igreja lhe ficariam fechadas até que houvesse feito penitencia de tão grande crime.

Teodosio dirige-se a Milão; lança-se aos pés do Arcebispo, e este insiste no seu proposito; e o imperador submettendo-se ao castigo, despe a purpura e as insignias imperiais, prosta-se no chão que banha com as suas lagrimas, e batten-do com a cabeça na terra, pede perdão a Deus e aos homens; abrem-se nesse momento as portas da Igreja, e é o proprio Arcebispo que nela faz entrar o arrependido imperador.